

# A SEMANA

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

ANNO III

RIO DE JANEIRO, 2 DE JULHO DE 1887  
DIRECTOR—VALENTIM MAGALHÃES

VOL. III—N. 431

REDACÇÃO E GERENCIA — RUA DO CARMO N. 36, SOBRADO

## REDACTORES

Valentim Magalhães, Filinto d'Almeida,  
A. de Souza e H. de Magalhães

## GERENTE

G. CABRAL

## SUMMARIO

Expediente.....	A Redacção.
A Semana.....	FILINDAL.
Historia dos sete dias.....	J. LOPES.
Plebiscito litterario.....	G. LOBATO.
Região.....	R. CORREIA.
A proposito d'«A Reliquia».....	DA. DONSTOL.
Versos a um artista, poesia.....	F.
Chronics scientificas.....	A.
Poesia e postas.....	J. VERIM.
Jornaes e revistas.....	U. DUARTE.
Por causa de um soneto.....	P. TALMA.
Perfil de Camillo Castello Branco.....	L. M. BASTOS.
Theatros.....	
Port.....	
Noticias e Noticias.....	
Appreciaciones.....	

## EXPEDIENTE

### ASSIGNATURAS

#### CORTE

Trimestre.....	28000
Semestre.....	48000
Anno.....	88000

#### PROVINCIAS

Semestre.....	58000
Anno.....	108000

Do 4 do corrente mez em diante a redacção, gerencia e officinas d'«A Semana» estarão installadas na rua do Ouvidor, n. 45, sobrado.

Aos nossos assignantes em debito rogamos a fineza de mandar saldar as suas assignaturas e aos que estão quitos o obsequio de as reformar pelo semestre que ora começa.

No escriptorio d'esta folha compramos exemplares dos ns. 1, 2, 6, 23, 26, 45, 54, 56, 57 e 96 d'«A Semana».

## BRINDES

A's pessoas que vierem ou mandarem ao nosso escriptorio reformar as suas assignaturas pelo corrente anno e ás que agors tomarem assignatura por um anno, offerceremos um dos seguintes brindes, á escolha:

— *Vinte Contos*, elegante volume, por Valentim Magalhães. Estelivro não foi posto á venda.

— *Les hommes d'aujourd'hui*, collecção de cinco esplendidas caricaturas coloridas de homens celebres de França, desenhadas por André Gil, Damare e A. Dreux, com as respectivas biographias, escriptas por notaveis publicistas francezes.

— *Pampanos*, versos, de Rodrigo Octavio.

— *Margaritas*, poesias de D. Adelina A. Lopes Vieira.

A's pessoas que tomarem ou reformarem assignaturas por seis mezes, offerceremos um dos seguintes brindes, á escolha:

— *Auroras*, versos de Alfredo de Souza.

— *Evangelina*, poema de P. Longfellow, traduzido por Americo Lobo.

## A SEMANA

Encetamos hoje a publicação de chronicas semanais dos casos clinicos e cirurgicos mais importantes do hospital da Misericordia, graciosamente escriptos por um joven e distincto facultativo.

Recommendamos estes artigos á classe medica e aos estudantes da nossa Faculdade de Medicina, acreditando que esta importante secção terá um acolhimento digno do seu alto valor e que assim prestamos um importante eervigo a quantos entre nós se interessam pelas questões de medicina e cirurgia.

Ao uosso novo collaborador sinceros agradecimentos.

No proximo numero concluirá o director d'esta folha o seu estudo *Plagios e Plagiarios*, publicando o terceiro e ultimo dos artigos sobre a questão.

A REDACÇÃO.

## HISTORIA DOS SETE DIAS

A historia dos ultimos sete dias pôde resumir-se num facto unico: a viagem de S. M. o imperador.

A uossa profissão de fé politica já foi aqui assoalhada, no ultimo sabbado, com uma seriedade solemnissima. A America sabe o que pensamos da Constituição e dos principios politicos que desgraçadamente nos regem.

Mas neste momento, agora que o imperador é obrigado a partir expontaneamente para longes terras, nós não podemos deixar de erguer bem alto a nossa debil voz — não para protestar, porque nisso não haveria originalidade, mas para dizer ao paiz quatro verdades verdadeiras.

Quando dizemos — nós — dizemolo como o inolvidavel subdelegado da *Maria Angé*: queremos dizer — eu. Assim, pois, uas actuaes circumstancias do paiz, com o depauperamento do commercio, com a nullidade da industria, com a miseria da lavoira, com o desequilibrio dos orçamentos e com a

confusão deploravel da politica interna — o que eu entendo na minha sabedoria que se deve fazer é o seguinte, visto que já não ha Rei nem Roque:

Reunimo-nos, nós — os tres ou quatro patriotas verdadeiros que ha no Brazil — reunimo-nos ali no campo de Santa Anna, ou no theatro Recreio, e proclamamos a republica, una e indivisivel, com suffragio universal e tndo. Depois elegem-me presidente e eu começo a endireitar toda esta quitanda. Desde já prometto reanimar o commercio, crear a industria, enriquecer a lavoira, equilibrar as finanças e organizar a politica.

Resolva o povo esta questão sensatamente, como eu desejo, e o povo verá como tudo isto caminha *sur des roulettes*, suave e deliciosamente.

Apezar, porém, da minha elevada aspiração a presidente da futura republica brasileira, não foi sem magua que eu vi embarcar, quinta-feira, no *Gironde*, o homem simples e honrado que durante meio seculo governou absolutamente este paiz.

As ruas por onde elle tiora de passar antes do embarque, apinharam-se de povo. Evidentemente a grande massa popular estava ali para ver o seu monarcha. Qual era, entretanto, o sentimento que a reunia? Seria o desejo de manifestar a sua sympathia e a sua estima ao imperador, ou seria a simples curiosidade de ver o enfermo? Ninguém o poderá saber ao certo; mas é de presumir, apezar das manifestações de sympathia, que o motivo da aglomeração popular tenha sido a curiosidade. Sobre o estado da saude do imperador, as informações officiaes, pouco esclareciam a nação: era *satisfactorio* e nada mais; mas diversas verões corriam mundo e podia notar-se em todas quando não completa homogeneidade, ao menos uma certa harmonia: o imperador estava mal, e da affecção physica originara-se qualquer affecção moral. Eram estes boatos que o povo procurava verificar. Vendo o monarcha, observando-lhe as feições e os estos, o ovó poderia calcular quanto havia de verdade nas declarações officiaes e nos boatos clandestinos que as contradictavam.

Não seria com este fim que toda capital se reunia á passagem do imperador?

Eu vi S. M. embarcar no *Gironde*. A sua longa sobrecasaca preta, abotoada de alto a baixo, bem deixava ver, pela abundancia das dobras, a magreza do corpo que envolvia; o rosto emaciado e comprido, a barba crescida e aguda, o cruceo ligeiramente achatado, os cabellos eupastados e humidos, os olhos sem brilho e os labios secos, davam-lhe

um aspecto de convalescente ainda não livre de perigo. Na cabeça, diminuida pela emaciação, enterrava-se-lhe o chapéu alto até á nuca. S. M. saltou com passo infirme da galeota imperial para a prancha corrediça e atapetada que, a bombordo, conduzia directamente ao pavimento inferior, em que estão situados os aposentos imperiaes. Aos lados do estreito corredor formavam alas varias pessoas conhecidias que o imperador ia cumprimentando. A' condessa A., que estava ao meu lado, disse S. M. — «Logo que chegar a Paris procurarei sua irmã». Foi a unica phrase que lhe ouvi além dos cumprimentos.

Em todas as pessoas que ainda o não tinham visto, oasou tristeza o aspecto de S. M. Só o ministerio estava sorridente, e tanto que até o Sr. Cotegipe teve uma boa pilheria ao entrar. Um pandego, o Sr. Cotegipe!

Que deverei fazer agora? Expor seriamente as minhas opiniões acerca d'esta viagem forçada e do estado anormal do paiz?

Nessa não caio eu. O Sr. redactor do *Paiz*, que é principe tambem, já deu aos povos a doce consolação da sua palavra. Já o titulo do seu artigo é de uma tal profundidade, que não encontrei quem m'o explicasse. Confesso a minha ignorancia do idioma chinez; mas em pilhando o Pontes a geito hei de perguntar-lhe que diabo de colsa é aquella. *Ei! Fu!—Fu! Ei!* Não sei que seja mas sei que deve ser maravilhoso e profundo. E se não for profundo é, pelo menos, solemne, de uma solemidade larga e theatral, de uma solemidade de legenda antiga. Palavras proprias para inscrever em porticos de marmore velho, entre rendilhamentos e florejos de architectura arabe.

Estou succumbido!

Outro facto tambem importante d'esta semana foi o da chegada do Dr. Domingos Freire.

Receberam-no estrondosamente os estudantes das varias escolas superiores. O illnatre sabio vio-se rodeado dos seus discipulos, e entrou na patria entre as aclamações entusiasticas da mocidade, que é, afinal de contas, quem sabe sempre galardoar o merito. A manifestação ao Dr. Freire foi uma apothose do talento e do trabalho. Elle, que vinha triumphante e glorificado do velho mundo, encontrou no seu paiz novo triumpho e nova glorificação.

E' justo, e mesmo necessario, que se honre sempre aquellos que pelos esforços da intelligencia e da vontade se elevam acima dos seus concidadãos e quebram as robustas barreiras da mediocridade.

Da Faculdade de Medicina apenas adheriram á pomposa manifestação os

Drs. Barata Ribeiro, Caminhoá e Pesanha. Officinas do mesmo officio; certo que muitos dos lentes da academia têm grande merito, mas o Dr. Freire não é sombra que além de se tolerar se admire.

Todos sabem que neste paiz quasi toda a população é composta de medicos. Há um ou outro barbeiro, um ou outro alfaiate—para desgraça nossa—eu, o principe e mais dois ou tres desgraçados que não somos medicos.

Pois á reunião convocada pelo Dr. Doria, apenas compareceram doze medicos!

Doze, meus ricos senhores, uma duzia d'elles! numa terra onde ha duzias de milheiros!

Não me contenho, e declaro tambem agora aqui, consternado e tristonho:

Estou succumbido!

FILINDAL

## PLEBISCITO LITTERARIO

A apuração das cedulas recebidas até hoje deu o seguinte resultado:

Qual o melhor romance?	
O Guarany.....	6 votos
Vicentina.....	1 »
Memorias de um sargento de milicias.....	1 »
Luciola.....	1 »
João e Francisco.....	1 »
Fatalidade de dois jovens....	1 »
Memorias posthumas de Braz Cubas.....	2 »
Qual o melhor livro de contos ou novellas?	
Papeis avulsos.....	3 votos
Historias sem data.....	3 »
Risos e galhofas.....	1 »
Qual o melhor drama?	
Mãe.....	4 votos
Luxo e vuidade.....	2 »
Antonio José.....	1 »
Os dois embuçados.....	1 »
Omphalia.....	1 »
Martyrios de uma familia....	1 »
O mulato.....	2 »
Qual a melhor comedia?	
Vespera de Reis.....	4 votos
Demonio familiar.....	2 »
Amor por anexins.....	2 »
Como se fazia um deputado..	2 »
Os senhadores.....	2 »

## REGINA

(Continuado do n. 130.)

Ja principiar a explicação d'um novo personagem; chegou mesmo a dizer: este é... quando o interrompeu o metalico tam-tam, chamando para o lunch.

O inglez, cortejando-me á pressa, fechou a sua grande carteira e desceu rapidamente a escada.

Uns interromperam a leitura, outros a conversa e ainda outros o somno. Desci por ultimo a escada atapetada, com frisos de metal amarelo e corrimão de madeira polida.

Na grande sala de jantar tinham os talheres dos mais impacientes, alguns já iam mesmo pelas alturas da fructa.

O meu logar á mesa era ao lado do de Regina. Entabulámos ahí conversação sobre não sei que assumpto fntil.

A avó enjoára e não tinha animo para levantar a cobeça da almofada, não podia sahir do camarim.

Em frente de nós, um sujeito magro,

de longa barba grisalhas, accumulava no prto gelatinas, gomos de laranja mal descascada, arroz, um arroz muito branco corado de doco de ameixas, que não deixava de apparecer nunch, e que tinha n'elle um grande apreciador.

Ao lado d'esse intoleravel gastronomo, sentava-se um seu patricio, um verdadeiro John Bull, a quem pela soriedade inalteravel deram a bordo o nome de—o sinistro.

À esquerda de Reginn ficava o logar vazio da avó, á sua direita eu; não tinha, portanto, outra companhia á essa hora; e sem reservas, n'uma maneira franca e graciosa, dirigiu-me a palavra. Conversamos largamente.

Quando subimos, passemos juntas no convéz e jogámos uma partida de malha.

Não me tinham exaggerado as suas qualidades. Regina era adoravel, bonita, intelligente, affavel, despreocupada, chic.

Chic! é realmente a melhor classificação.

Vestia bem, fallava com graça.

De manhã cedo, quando atravessava o corredor para o quarto de banho, envolta nas largas dobras do seu peignoir forrado de seda, com as tranças negras mal seguras a fazerem-lhe pender para traz a cabecinha redonda, havia n'ella, ainda morna do leite, um não sei que de encantador e desuave como nas imagens italianas.

Gostava muito de versos.

A' noite, no tambadilho ou na sala, brilhantemente illuminada a luz electrica, dizia-os muitas vezes, a pedido nosso, com os olhos cerrados e as mãos cruzadas no regaço. A voz era clara, argentina, fresca como um bouquet de rosas orvalhadas...

Em pouco tempo tratavamos-nos com familiaridade, como se nos conhecessemos ha muito. Entre gente moça fazem-se depressa as amizades.

Conviviamos desde manhã até á noite. Líamos no mesmo livro, trocando impressões; procuravamos-nos mutuamente como um refugio contra a monotonia de bordo.

Uma occasião principismos insensivelmente a falar do passado.

Regina, sentada de costas para o mar, em frente a mim, contou-me um trecho da sua meninice. Que tinha entrado tarde para o collegio, com treze annos já. «Eu era franzina, debil, nervosa. O medico da familia receitava que eu não chegasse a moça por ser muito esperta e faladora. As minhas perninhas eram assim: (e mostrava-me o dedo minimo muito delgado e branco). Vovó não admittia bulha em casa, soffria muito n'esse tempo de enxaquecas... Ora eu adorava o harulho, o riso, o estrondo. Se não fosses tão fragil, dizia-me muita vez, punha-te no collegio, e pensionista. Um dia realison a ameaça, só por eu ter quebrado na vespéra uma grande talha da China, que ella estimava muito. Aquelle acontecimento tão commum foi de uma extraordinaria influencia na minha vida...»

E Regina, segurando-me nas mãos, fixando nos meus os seus grandes olhos escuros, dizia-me:

— Tenho um tio que é pae de uma menina e de um rapaz, o Guilherme. Minha prima casou, era eu ainda pequenita; o irmão, muito mais novo do que ella, está para casar agora. No dia do desastre, quando quebrei a monumentosa talha da China, de feliz memoria, o Guilherme atirou-se lavado em lagrimas aos pés de minha avó, pedindo que me não mandasse para as Irmãs de Caridade, que me deixasse em casa. Riram-se todos muito, mas não foi concedida a graça.

— E Guilherme, perguntei, onde está?

Regina, levemente corada, respondeu:

— Em Londres...

— Ah!

Dias depois contando-lhe eu o que me haviam dito a seu respeito «Regina nunca amou», ella desprendeu uma gargalhadinha sonora, e puxando-me pelo braço, apoiando-se n'elle, principiou a passear commigo, dizendo-me:

— A minha amiga ha de presenciar os dias mais felizes da minha vida, estão perto; deixe-me portanto dizer-lhe toda a verdade. Diz muita gente que eu nunca amei, exactamente porque amei sempre, desde o dia em que se quebrou a grande talha chinesa, desde a hora em que eu vi o meu pobre Guilherme ajoelhar-se lacrimoso aos pés de minha avó. Tinha elle então quinze annos!...

Era tão bonito, e tão meigo! O meu tio principiou a chmurar-me sua nára, e a avó sorria-se quando me via passear pelo braço do primo no jardim. Um dia, no carnaval, vestiram-me da noiva e a elle de noivo... Tudo aquillo fazia-me impressão... Quando entrei para o collegio, Guilherme foi para a provincia; quando voltou, tinha já dezeseite annos, foi visitar-me; abraçámo-nos, e tratámo-nos por noivos... Elle veio para Inglaterra, d'onde me escrevia sempre cartas immensas... devia ter voltado o anno passado, mas não poudo... voltar... voltará, mas... casado.

— E elle já as espera?

— Não! é surpresa. A idéa foi minha... chegámos a Londres e escrevemos a Mr. Wright, que é o nosso correspondente e sabe onde mora Guilherme; elle mesmo ha de levá-lo no hotel sem dizer a que vai. Havemos de arranjar um pretexto. Quero ver se o Guilherme me conhece logo á primeira vista!...

E Regina enthusiasmada, corada, risonha, expandia-se no seu adorado sonho.

Eis a razão porque tantos pretendentes lhe ouviram um não, entre duas risadinhas de crystal!

Chegámos a Plymouth n'um dia humido, frio. Regina abotoada na sua capa de velludo azul escuro, cenchendo os cotovellos ao corpo, alongava a vista por sobre as montanhas baixas, hordadas de fortalezas. O commandante offereceu-lhe um ramo de prime-roses cor de palha, vindas n'esse momento de terra; ella prendeu-o no peito distrahiadamente, sem agradecer quasi. Tinha o pensamento alheio a tudo ao aproximar-se da sua esperada ventura.

A haroneza, soffrendo durante toda a viagem, poucas vezes apparecia em cima. Só deitada estouvamos, dizia ella, e não sahia do camarim senão raramente. Quando o paquete aportava, ao sentil-o hem firme, é que subia ao tomadilho a refrescar os pulmões e recrear a vista com a observação da terra. Empunhava então o binoculo, pedindo explicações de tudo com uma curiosidade intelligente.

JULIA LOPES.

(Conclue no proximo numero.)

## A proposito da «Reliquia»

«Esteve recentemente em Lisboa — não sabemos se está ainda — um fidalgo sueco, muito distincto, muito illustrado, que veio procurar no nosso clima alivio para uma enfermidade de que soffria sua esposa.

Esse cavalheiro muito dado ás letras, e litterato mesmo elle proprio, cremos, travou aqui relações com alguns escriptores, sendo um delles o eminente homem de letras e nosso preso amigo o Sr. Ramalho Ortigão.

O conde sueco e o illustre auctor do John Bull davam-se muito, e um dia, falando-se acerca de escriptores portuguezes, a conversação cahiu, como era de dever, em Eça de Queiroz, o grande romancista do *Crime do Padre Amaro* e do *Primo Basilio*, o amigo intimo de Ramalho e seu glorioso collaborador nas *Farpas* e no *Mysterio da estrada de Cintra*.

E falando das obras d'Eça de Queiroz, falando do notabilissimo livro de que hoje registamos o apparecimento e que então estava ainda no prelo, Ramalho Ortigão contou então por alto, o que era a nova obra do auctor do *Mandarim*, e descreveu a largos traços a acção originallissima da *Reliquia*.

O conde susaco começou a ouvir Ramalho com esse interesse trivial que todo o homem que ama as letras tem

por uma novidade litteraria, mas á proporção que Ramalho Ortigão fallando, o sueco abria muito os olhos, esgaseado, estupefacto, dava mostras de uma funda admiração e murmurava atordido:

— E' estranho! E' phantastico!

Ramalho Ortigão contava-lhe o extravagante sonho de Theodorico, o heroe da *Reliquia*, esse sonho que constitue como a parte principal, o clou do novo romance de Eça de Queiroz.

Theodorico, um rapaz burguez e esturdiado da nossa baixa, vai á Terra Santa. N'uma estagnagem em que pernoita em Jericó, sonha que o accordam e que o levam a ver o julgamento da Christo.

E assim em sonhos, o bom do Theodorico assiste como espectador a toda a gigantesca tragedia do Golgotha, acompanhando todas as extraordinarias scenas que ante os seus olhos se desenrolam, com commentarios perfectamente seus; um janota da baixa apreciando á luz do critero da rua do Arco de Bandeira a tragica historia de Jesus!

— Estranho! Phantastico! murmurava estupefacto o conde sueco.

E depois explicou estas suas assembladas exclamações.

Um amigo seu, um escriptor sueco, tinha concluido um romance que estava ou in entrar no prelo, em que passava exactamente a mesma scena.

Lá o protagonista é um empregado do correio de Stocolmo. Como o heroe de Eça de Queiroz, vai á Terra Santa adormece n'uma hospedaria em Jerusalém, em vez de ser em Jericó; de repente sente bulha na rua, vai á janella, vê passar um homem preso entre soldados romanos. Sahe á rua e segue essa gente. O preso é Jesus, e o empregado do correio assiste a todas as peripécias do drama da paixão, em sonho commentando esse tragico acontecimento com a sua critica de empregado postal sueco.

Effectivamente havia toda a razão para exclamar:

— Estranho! phantastico!

E' evidente que por fórma alguma nem mesmo pela mais involuntaria caprichoosa das coincidencias, não foi idéa do escriptor portuguez que inspirou ao escriptor sueco a sua obra, nem vice versa.

Além da circumstancia dos dous escriptores serem—um sueco outro portuguez, e não se conhecerem inteiramente nada, de não haver permutação alguma de idéas litterarias entre Portugal e a Suecia, da nossa litteratura ser lá completamente desconhecida como entre nós é a litteratura sueca, dá-se ainda o caso, que corta pela raiz qualquer possibilidade de suggestão: nenhum dos dous romances estar publicado ao tempo.

Estamos portanto em frente de um facto estravagante, unico talvez; a mesma idéa original, nova, uma destas idéas que não andam por ahí no espirito de todos, que não fazem parte das suas idéas que andam na corrente, e que correm ao mesmo tempo, a um escriptor na Suecia e a um escriptor em Portugal.

Eça de Queiroz, da bocca de quem ouvimos esta historia, ficou intrigadissimo com ella e comprehendendo «E' muito mais original do que o meu romance», disse-nos elle.

GERVASIO LOBATO.

(Da Chronica Occidental.)

## VERSOS A UM ARTISTA

(A OLAVO BILAC)

## I

Tu, artista, com zelo,  
Esmerilha a investiga!  
Nissia, o melhor modelo  
Vivo, offerece, da belleza antiga.

Para escullp-l-a, em vão, arduos, no meio  
De esbzeada arene,  
Batem-se, quebram-se, em fatal torneio,  
Pincel, lapis, burni, cinzel e penna.

A Aproditic pagen, que o pejo affronta,  
Expeata nua do universo ás vistas,  
Doa seos duros na marmórea ponta  
Amamentando gerações de artistas,

Não a excede; e, ao contrario, em sua rica  
Nudez, por mil espellos,  
Mostre o que elle não mostre, de pudica,  
Do collo abaixo e acima dos arthellos.

Analysa-e, sagaz, linba por linba,  
E á tão segaz minucia apenas poupa  
Tudo o que se não vê, mas se edivinha  
Por sob a avara roupa...

Deixa que a roupa avare  
Do peito o virginel thesouro esconde,  
E o mais... até onde, perficta e clare,  
A barriga da perna se arredonda...

Basta-te á viste esperta  
Revelar-se, atravez do linbo grosso,  
O alabastro da espalla mal coberta,  
E o Paros do pescoço.

Basta que tráia, como trae, de leve,  
O contorno flexuoso...  
Basta este rosto ideal—purpura e neve—  
A curva grege da nariz gracioso.

Um quasi nade basta, emfim, que tráie  
Ao teu olhar agudo,  
Para que este deduzo, tire e extráia  
Aquelle quasi nada, quasi tudo...

## II

Embore o olhar profano  
Não possa ver o que ella só não nega  
Ao lado avesso do grosseiro panno,  
A cuja guerde os mimos nós entrega;

Nem lave breche ao menos  
Abre n'essa, onde fulge, aspre cróstra,  
Como a perola—lagrima de Venus—  
Rútila dentro de uma casca de ostre...

Desnuda-a, imeginariamente; e a poma,  
O ventre, o talhe escullptural da cinta,  
E o amplo que-tril lhe pondo á mostra, tome  
O teu pincel pere pintal-a, e pinte!

Pinte o que vê-se, e pinta o que não vê-se  
D'esse corpo assim todo desnudado,  
D'esse correcto, d'esse  
Corpo em marmore carne modelado;

Seus melindrosos traços aproveite;  
E, eo fundo de um painel classico, aviva  
As greças feminis d'elle—perfeite  
Cople da formosna primitiva.

## III

Pinta-a. Esse ignobil, rustico temenco  
Tira-lhe ao branco pé; e, por seu turno,  
Calça-lhe o pé tão brecco  
(Meis digno de um cothurno) de um cothurno)

Mes não faças e idéa  
De que o semblante vês, feroz e lindo,  
De tregica Medée  
No theatro de Euripedes surgindo.

Não des eo quedrn qualqur tom mais negro;  
Feze antes n'elle, em vividos fulgores,  
Correr garrula a nota de um « alegre »  
Da matizes, de tintas e de cores.

Piata-a na Olympo, dominando-o todo  
Com esses nilhos cleroc,  
Bellos e verdes... Verdes d'esse modo,  
São mais preciosos, porque são mais raros.

De Carybides não sobre os escultos,  
Mas de um outeiro celebre na fallda,  
A' emeraldá do Egéo voltando os olbos,  
—Dols bumidos abyssos de esmeralda,

E onde do Hymeto a tribu sequiosa  
E loura das abelhas  
Beije-lhe o doce beijo cor de rosa  
E a doce cor de rosa des orellhas...

Ou de herpa antiga os mysticos segredos,  
De Sapho as odes, de Thimoteo os hymnos,  
Frenetica, arrancando com seus dedos  
Longos e alexandrinicos...

Rasga-lbe, em larga tela o largo mundo  
Da Grecia; e amplos, remotos horisontes,  
Onde se esfumam, pallidas, ao fundo,  
As cordilbeiras dos mais altos montes...

Onde, perpetua, a Primavera esvoace,  
Abra em capellas maddas, cheirosas,  
E, em mil grinaldas tremulas, deslace  
De Anacreonte as rosas...

E em forno d'ella tudo se reuna:  
Da Arabia o incenso e a myrrba da Etbiofia;  
E, dadivosa e prodiga, a Fortuna  
Despeje a farta e cbeia cornucopia!

Ou, nas nuvens de ionica payzagem,  
N'um carro de ouro, o seu perfil debuxa,  
Que aledo par de esplendida plumagem  
E rutilante leque eberto puxa...

Ou deixa então da deusa de Cytbéra  
Tudo o que em Nissia ves... Para pintal-a,  
Busca antes o ar de castidade austera,  
Que ás semi-deusas da Odisséa á iguala.

## IV

Pinta-a onde, ao pino, o sol da Lybia ardente  
Estaque o Nilo, que, fucando, corre;  
E, buindo o deserto incandescente,  
Faisque, abraze, tórre,

Queime; espedace os raios flamejantes,  
— Como um milhao de espadas  
Contra claros broquês—contra os brilhantes  
Zimborios das mesquitas elevadas;

Cóza, encoscóre a adusta areia rubra;  
Calcine-a; lamba em fogo os obeliscos;  
De Memphis as pyramides encubra  
De fuzis e de fulvidos coriscos;

Relampeje emfim... Mas sem que tiseu  
A rija carnagaõ d'ella, mais grata,  
Mais doce aos olhos que o candor do cysne,  
Que no cristal do Eurótas se retrata;

Não lhe deslustre, nem marée a alvura;  
E nem lhe decomponha a peregrina  
Combinação, e a siogular mistura  
De anil, leite e nacar da pelle fina.

Ou pinta-a, não em vasto peristyllo  
De capiteis corinthios, mas n'aquelle  
Sobria felção do estylo dorio: — estylo,  
Que, por mais simples, é mais proprio d'ella;

E, eo hombro a clamdyde espartana, ao peito  
A egide edemantina, area, inteiriga,  
No braço esquerdo o escudo, e no direito  
A espada de Justiça;

Em meio a um Parthenon, firme, e conserva  
Sem os crespos flóres de acantbo e louro:  
E ell-a, ao molde de estatua de Minerva,  
Felte por Phydias, de merfim e de ouro.

Então não queiras tu pôr em confronto  
O original e a imitação já fluda,  
Para ver se, d'aquelle, n'esta um ponto,  
Um toque, ou pincelada falta ainda;

Nem, ne febre da esthetica, profunda  
Mais teu olhar, buscando-lbe a nudeza  
Perlustrar do seu corpo—mappa-mundi  
Da suprema Belleza.

Poupe ás faces de densa a onde purpuree:  
Pinta-a, ideando-a só: n elvo recabo,  
O torso e o resto... sem, tremendo injuria!  
A tunica rasger-lbe de alto a baixo...

Maio, 85.

(Dos Versos e Versões)

RAYMUNDO CORREA.

## CHRONICA SCIENTIFICA

## FACTOS MEDICOS E CIRURGICOS

## HOSPITAL DA MISERICORDIA

Não foi das mais ferteis em acontecimentos clinicos a semana a terminar. Apenas o Sr. Barão de Saboia, em eua enfermaria, teve occasião de praticar a amputação das duas pernas de um individuo, victima da Estrada de Ferro.

Seria um documento assás curioso a estatistica bem organizada dos casos que têm entrado no Hospital da Misericordia, devidos a desastres de bonds e trens de ferro; e, ainda mais interessante seria offerecer-se aos altos poderes da nação a resenha das mortes — sômente das mortes — occorridas naquelle Hospital, e produzidas por ferimentos habil e impunemente vibrados por *nagas* e *guayamus*.

Talvez que, á vista de tão eloquente documento, outras e sérias medidas fossom tomadas contra essa nova especie de *sociedade*, que a policia, em seu alto saber, entendeu considerer *anonyma*!

Em compensação, porém, as ultimas semanas forneceram um contingente valioso para a historia da cirurgia, no Brazil.

Varios foram os factos de particular interesse scientifico! Da enfermaria do Dr. Pedro Affonso Franco sahio, completamente curado, um individuo de — pedra na bexiga.

Operado em sua residencia pela *litholapaxia*, foram extrahidas cerca de 56 grammas de pedra fragmentada.

A operação, como de costume, brilhantemente feita por aquelle cirurgião, augurava um resultado lisongeiro, embora em um homem depauperado e com 67 annos de idade.

O doente, porém, esquecendo as expressas prescripções do medico, retirou da urethra a sonda — impeçilio a que por ali se insinuassem fragmentos do calculo: foi o que succedou, sobrevindo violenta febre urinosa que seriamente poz em risco a sua vida!

Foi então feita com urgencia a talba perineal, retirando-se, mais ou menos, 50 grammas de pedra.

Continuando a febre intensa e revestida de caracteres perniciosos, foi o doente removido de sua residencia, acobrada e infecta, para a enfermaria d'aquelle cirurgião, do Hospital da Misericordia, onde sob os seus cuidados tratou-se e restabeleceu-se.

Este facto, além do interesse clinico que por si só desperta, constitue ainda um formal desmentindo áquelles que julgam que no Hospital da Misericordia a caridade não é exercida como deveria sel-o!

E' mais um curioso caso de grande calculo vesical, pesando cerca de 106 grammas, reclamando, por accidentes estranhos á vontade do medico, duas importantes e graves operações: a *lithotricia* de *Bigelow*, rarissimas vezes feita entre nós e, creio, executada sômente tres vezes, com exito feliz, pelo Dr. Pedro A. Franco e uma pelo Conselheiro Barão de Saboia, e a *talba perineal* — tambem de não pequena gravidade — ambas coroadas pelo mais lisongeiro resultado.

O Dr. Oscar Balhões, que tem sabido conquistar um logar saliente na cirur-

gis brasileira, operou, em sua enfermaria, um hydrocelle monstruoso — facto unicamente curioso pela retirada de 2000 grammas de liquido!

Nessa mesma enfermaria estão em estado satisfactorio, mas em via de cura, dous operados: um de urethrotomia externa, e outro, de resacção do astragalo — por fractura d'essee osso.

E' um caso raro; torna-se ainda mais curioso por não se poder chegar á causa determinants d'essa e outras lesões de soneuos importancia apresentadas pelo doente.

A enfermaria do Dr. Feijó Junior foi o ponto da reunião de grande numero de medicos e estudantes, chamados por um notavel caso clinico, cujo diagnostico, firmado á custa das maiores difficuldades, motivava a grave operação da ovariotomia.

O illustrado professor, cauteloso como sempre, depois de haver cercado a sua doente de todos os meios anti-septicos, de accordo com os mais modernos preceitos, deu começo á operação, preferindo o processo classico.

Aberta a cavidade abdominal, reconheceu-se que se tratava de *kystos gelatinosos multiglos do peritoneo*, constituindo em alguns pontos verdadeiros cabos de *kystos* e dando sahida a enorme quantidade de liquido transparente e gelatiniforme.

Foram feitas diversas lavagens da cavidade, sendo applicado rigoroso curativo phenicado, depois de bem estabelecida a drainage. A doente vae bem; e, até agora, nada occorreu de notavel na marcha do seu restabelecimento.

Finalmente, não deixa de ter aqui cabimento a noticia de uma infeliz criança, viva e alegre, que traz im pressas em seu organismo as mais bizarras anomalias de fórma, embora esse facto interesse mais de perto ao orthopedista, que verdadeiramente ao cirurgião.

E' um menino com 5 annos de idade de rosto agradável, de intelligencia clara e regularmente desenvolvida, que entretanto, apresenta uma serie curiosa de disformidades congenitas.

Tem ambas as mãos divididas, na parte mediana, até o punho; alguns dedos acham-se unidos sob o mesmo segmento; e a perna direita só tem um osso, é excessivamente curta, de uma grossura igual em toda a extensão e executa movimentos em todas as direcções.

O pé, tambem direito, está com a planta inteiramente voltada para cima e para fóra, isto é, em perfeito *varus*.

O femur, da côxa direita, em sua parte inferior tem os condylos bifurcados em grande extensão e é sobre o interno que se acha implantada a perna.

A criança anda arrastando-se, servindo-lbe de apoio esse mesmo condylo interno.

O habil e eminente Dr. Pedro Affonso Franco, actual director do serviço clinico do Hospital da Misericordia, mandou constuir um apparelho, de combinação sua, afim de fazer com que essa criança possa andar de pé, livre e desembaraçadamente.

DR. DODSTOL.

24—6—57.

## POESIA E POETAS

«IMPRESSÕES», VERSOS POR D. IGNEZ SARDINHO PINHO MAIA. PERNAMBUCO, TYP. APOLLO; 1887. 151 PAG. COM UM BELLO RETRATO DA AUCTORA.

Quasi sempre que se tracta de julgar a obra litteraria de uma senhora se faz preciso que o euphemismo — leitor benevolente — tenha uma certa expressão de realidade e, na nossa qualidade de leitores, teriamos de ser muito mais benevolentes do que convem aos interesses positivos da arte, se quizessemos elogiar o livro da poetiza que ora se nos apresenta.

A benevolencia da critica é muito mais prejudicial a um escriptor que começa, do que o ataque injusto. Este livro das *Impressões* é o terceiro que publica a Sra. D. Ignez Maia. Não conhecemos os anteriores, mas por este é hem facil julgal-os. Pois hem, se quando a auctora publicou os seus primeiros versos a critica houvesse sido imparcial, sincera e verdadeira, o houvesse dito á Sra. D. Ignez que para se publicar um livro é preciso, pelo menos, saber grammatica; se a critica lhe houvesse dicto que a poesia é uma arte difficil, que tem regras indispensaveis e fataes e que para se fazer versos é necessario, antes de tudo — além do conhecimento da lingua — saber-se metrificacão; se a critica houvesse cumprido o seu dever de aconselhar e censurar — a Exma. Sra. D. Ignez Maia dar-nos-ia agora um livro pelo menos aceitavel, ou não publicaria livro nenhum, o que seria preferivel.

Não lémos nas *Impressões* uma só poesia onde não haja versos errados e rara é a que não tem erros palmares de grammatica, da qual a auctora nem sequer cohece a prosodia.

No prologo, uma embrulhada incomprehensivel de prosa, a auctora affirma a sua applicacão e amor ao estudo. Pois necessita ainda de maior applicacão e mais estudo, Exma. Senhora, para poder lançar a publico um livro que se possa ler. V. Exa. tem inspiracão e, ás vezes, até tem idéas; mas o que a prejudica é a absoluta ignorancia da arte. Somos pela educacão da mulher e entendemos mesmo que a mulher deve cultivar a arte, uma arte qualquer. Mas o nosso enthusiasmo pela mulher de letras não vao até o extremo de appiaudir um mau escriptor, só porque esse escriptor é uma mulher. A gentileza com as damas deve ser praticada incondicionalmente nos salões e no tracto social. Na litteratura é que não ha damas nem cavalheiros: — ha auctores. Fóra, pois, a cortezia devida á dama, e logar á sinceridade e rudeza devida ao escriptor. O livro da Sra. D. Ignez Maia é um pessimo livro. Logo na dedicatória ás senhoras brasileiras se nos depararam estes desgraciosos e mal trahalhados versos, num periodo sem syntaxe:

«En não venho carpir ternas endéixas,  
E nem mesmo soltar suaves queixas  
Que faça um rosto bello entristecer  
Logo a primeira estrophe, e vá fazer  
Tontura a quem, num riso de despreso,  
Atacado de spleen, se veja preso  
Em dias iavernos, pegue um livro  
Por mera distracção, e veja vivo  
Compendio de tristeza ou magua atroz,  
Da lyra um rude harpejo on d'alma a voz  
Lestimando um amor já esquecido.»

Não é preciso saber tanto a gram-

matica como o Sr. Julio Ribeiro para se ver que, estando o sujeito no plural, para o plural deveriam ir tambem os verbos. — Queixas que *faça* entristecer? Endechas que *vá* fazer tontura! Oh! oh!, minha senhora!

Mais: «Oe roseos lindos cachos sobre ti derrama suavissimo perfume...» (Pag. 16). Em uma poesia feita a Lucinda Furtado Coelho:

«Te envio um verso meu no dia fausto  
E o pobre coração em holo-austo  
E' pouco!... Mas recebassim corar» (Pag. 110)

Isto faz-me lembrar uma carta em que um amigo meu, convidando-me para ir a sua casa d'elle, me dizia, com fervor: — «Venhas! venhas!»  
Exemplos de medonhos versos alexandrinos:

«E lhe disputa a posse dos arcanos seus»  
«Os braços redemptores, fluidos nos seus brulhos»  
«As arvores inmoveis, juvenes, plumbeadas...»  
«Gazophylacio eterno de oudas sonoras»  
«Em uma larga rua, n'ella se agrupavam»  
«O céu napolitano vae ceder-lhe o passo»

Páro aquil. Estes versos pertencem um a cada poesia e apenas cheguei a pag. 29.

Exemplo de inacreditaveis decasyllabos:

«Um pão sem igual, pão do talento»  
«Atlantico, chamarei a essas aguas»  
«Perdão! diz ao pae o filho ingrato»  
«Nesse ergastulo sublime e impenetravel»  
«Ao impulso de minh'alma que me ordena»

Estes, com os outros, são tambem um de cada poesia, das que estão até pag. 32. E todas ellas tem quantidade de versos do mesmo feito!

E' o que podemos dizer, com desgosto e magua, do livro da poetisa pernambucana.

S. Ex., porém, não deve desanimar-se. Estude um pouco de grammatica e um pouco de arte poetica, peça aos poetas de Pernambuco, que os ha por lá bem bons, que lhe apontem sincera e francamente os erros, e mais tarde reconhecerá que lhe dissémos a verdade; quando a irritacão que lhe houver causado o nosso juizo, se houver transformado em suave gratidão, que não pedimos, V. Ex. publicará um livro que possa honrar as letras e o nome da mulher no Brazil.

F.

## JORNALS E REVISTAS

Temos e n. 10 d'O *Sportman*. Cada vez mais se torna merecedor do apoio e da sympathia dos amadores do turf este periodico, que lhe é especialmente consagrado. O que mais o recommenda é o espirito de imparcialidade e o desejo de fazer justiça que cempre revêla nas apreciações das corridas e do procedimento das sociedades.

O numero do *Correio da Europa* correspondente a 8 de Junho traz, entre outros, os retratos da princeza D. Amelia e principe da Beira e o do illustre visconde de Juromenha, o laureado biographo de Camões, fallecido em Lis-

boa em principios de Junho, com oitenta annos (nascera a 25 de Maio de 1907.)

O ultimo numero d'*Occidente* traz uma bella gravura representando a Ponte de Santa Izabel e Palacio da Assembléa Provincial em Pernambuco.

O que traz de mais interessante o n. 8 (4º anno) d'*Illustração* é o retrato do grande escriptor portuguez Oliveira Martins e biographia respectiva por Luiz de Magalhães e a Chronica de Mariano Pinna.

O *Brazil Medico* n. 23. Contem excellentes artigos sobre medicina e cirurgia.

A *Estação* n. 12. Anno XVI. Dá-nos elegantes figurinos e moldes. Na sua pagina central figuram duas bellas gravuras *Os diomantes da coroa de França* e *O anniversario do Imperador Guilherme*. Traz tambem este numero uma boa parte litteraria.

O *Brazil Illustrado* n. 11. Um bem escripto e variado texto e algumas illustrações dignas de nota.

*Revista Illustrada* n. 450. Venha cá, seu Angelo. V. é um lapis terrivel! Este numero da *Revista* está optimo; a sua primeira pagina *Pobre D. Pedro II!* é soherda de ironia e a pagina central *As ultimas noticias acerca de S. M.* é de um humorismo e de uma diabrura... de todos os diabos! Quanto ao texto basta ser elle devido á penna de Julio Verim.

Delle transcrevemos hoje o magafico e judicioso artigo *Por causa de um soneto*.

A.

## POR CAUSA DE UM SONETO

De ha muito professamos a opinião, talvez excentrica, porém muito arraigada, de que em nossa terra a verdadeira coragem está em ser... moderado.

As violentas polemicas e as acerbas discussões a que tomamos assistido, duzias de vezes, com raras excepções tem deixado de provar que não ha merito nem risco em recorrer a esses extremos de linguagem.

Ora, sendo o nosso estado ainda de organisacão, e perturbadas todas as funcões por caueas, ora occultas, ora claras como a escravidão e outras, dividindo o paiz em grupos inimigos, sempre achámos que era preciso passar em claro e esquecer muita coisa, para não chegarmos todos a um estado intoleravel de guerra civil nos espiritos, que parecia ser um plano de enfraquecimento geral.

N'estas circunstancias, ao mesmo tempo que nos inclinavamos a não interromper a cordialidade das relações por leviandades, mais ou menos precipitadas, notavamos na geraçao nova um verdadeiro furor de elogio e de ataque mutuo. Muito pouco respeito pelo trabalho alheio, e uma impaciencia medonha de ir á gloria!

Contavamos com o tempo, com os dissahores porque passavam esses exal-

tados, para ver as coisas entrarem na ordem.

Agora, porém, surge uma d'essas aggressões a um poeta de grande talento (com quem nunca trocámos a menor palavra), mas que nos magoou, pelo tom desabrido com que lhe foi feita.

Referimo-nos ao auctor das *Symphonias* e á accusaçao de plagio que lhe é atirada sem fundamento.

Incontestavelmente, ha entre o trecho da *Mlle. de Maupin* e o soneto *As pombas* certa identidade de idéias.

Mas, esse trecho nada vale, junto ao soneto.

Nós mesmos, que lémos varias vezes o romance de Th. Gautier, e que até traduzimos algumas passagens, entre ellas o trecho em questão, não ficámos com a menor idéia de existencia d'esta ao passo que o soneto de Raymundo Corrêa nos impressionou sempre como novidade de idéia e como perfeição de forma.

Ora, pelo facto de repetição de idéia, não ha plagio, e o soneto em questão, além das imagens de Th. Gauthier, tem outras, absolutamente originaes.

Concordavmos que a impressão profunda, que essa peça litteraria produzia, empallideça um pouco com a approximação do trecho da *Mlle. de Maupin*.

Mas d'ahi a eclipsar-se, e até tornar-se em libello, ha um abysmo. Tirando-lhe alguma cousa, o que fica, ainda assim, é uma forte impressão admirativa, ligeiramente atenuada, por não ser a idéia de todo original.

Mas Raymundo Corrêa tem sido atacado com feroz crueldade, que não, pouco nos magoou, pois a injustiça nos revolta.

Ao testemunho que dou junto outro, que se levar algum conforto ao sonador das *Symphonias*, me terá pago, com usura o trabalho de traçar estas linhas.

Ha tres ou quatro annos, numa viagem que fiz, estando com o auctor da *Morte de D. João*, mostrei-lhe o volume das *Symphonias*, a ultima novidade litteraria, que levara do Rio de Janeiro.

Guerra Junqueira leu algumas poesias, sem revelar grande enthusiasmo, e dando a entender que Raymundo Corrêa era uma bella esperanza.

Nisto, chegou ao soneto *As Pombas*, e a sua atencão fixou-se; vi que seguia a leitura, embevecido. Chegando ao ultimo verso, Guerra Junqueira mostrou-se enthusiasmado.

— E' honito! exclamou. E, até este verbo novo, *ruflar*, é de um lindo effeito.

Ora, Junqueiro é um fanatico da *Mlle. de Maupin*, e o tal trecho, não se lhe fixára na memoria; senão teria dito logo a sua impressão.

Na verdade, esse trecho de prosa só agora surge com um grande valor, entre nós, e isto pelo facto da accusaçao de plagio.

E, sobre esta velha questão das novas idéias, ha alguma cousa de Camillo Castello Branco, sobre o trecho de Garrett:

Saudade gosto amargo de infelizes,  
Delicioso pungir de acerbo espinho,

cujos precursores, Camillo, com a sua grande erudição, foi encontrar, em não sei quantos escriptores, seculos antes de Garrett.

Tenho tambem idéia de que, resumindo as suas excavações, o auctor do *Cancioneiro Alegre* fazia, plena justiça ao cantor de Camões, reconhecendo que ninguém, antes d'elle, dera a esse pensamento forma tão completa e sublime.

Para o caso de Raymundo Corrêa a hypothese é a mesma.

Quantas vezes a idéia dos pombaes, comparada ás illusões, não terá sido apresentada?

Ha tantos encontra simultaneos em coisas litterarias! Eu, já tiva um d'estes casos com Valentim Magalhães. Um bello dia, vi nas *Notas de margem*, um trecho qualquer, muito semelhante a um que eu estava imprimindo em livro, e cujas provas recebera na occasião. A semelhança de idéias era tal, que, como exemplo de uma coincidência extraordinaria, mandei as provas ao antigo redactor da *Gazeta de Notícias*. Tínhamos peneado a meema couea e ao mesmo tempo; o modo de a exprimir era, tambem muito semelhante. Creio que Valentim Magalhães, ainda ha de ter recordação d'este episodio.

O mais interessante, agora, era ter-eo dado com Raymundo Corrêa, o mesmo que se deu commigo e com Junqueiro: não ter conservado da «Mlle. de Maupin» recordação do trecho incriminado, ou, quem eebe? não ter mesmo lido o romance.

Em todo o caso, sentimos o tom azedo da accusação, e o modo como tem sido tratado o poeta, sem nenhuma especie de benevolencia, quando, pelos seus trabalhos era o caeo. de dizer: *à tout seigneur tout honneur!*

Nós continuamos a apreciar o seu bello soneto. E que venham outros!

JULIO VERIM

## Perfil de Camillo Castello Branco

PELO

PADRE SENNA FREITAS

Em meio das escassissimas produções da nossa litteratura, entre as quaes avultem os volumes de versos, mais ou menos pretenciosos e sporiferos, onde rerissima vez a critica pôde descobrir a voz de algum poeta original, que traga uma nota pessoal á insípida monodia de banalidades metrificadas e rimadas—chega-nos ás mãos um valente livro, escripto pelo padre Senna Freitas e relativo á grande individualidade litteraria de Camillo Castello Branco. O trabalho do padre Freitas tem altissimo valor em todos os sentidos e veio confirmar definitivamente a sua reputação de escriptor vernaculo, correctissimo, pittoresco, fecundo, possuidor de uma linguagem de lei, vibrante, incisiva e colorida. Para ler com desprevenção este livro, é preciso lembrarmo-nos de quo o seu auctor é padre catholico, e por consequencia não faz mais do que o seu dever combatendo o que suppõe aer impiedade e atheismo. Não temos que lhe pedir contas por isto, e quem não se agrader das suas controversias, não tem mais que voltar a folha e continuar a leitura mais adiante. Tratando-se de um escriptor, eu prefiro mil vezes um ultramontano ferrenho que escreva bem, do que um demorata livre pensador que não saiba elinharvar quatro adjectivos. Quem maneja uma penna deve, antes do tudo mais, conhecer e lingua e as regras da arte de escrever; se as não souber, mesmo que seja propagandista das melhores idéias, amanhã já ninguém se lembrará do que elle pensou nem do que elle disse.

O vulto colossel de Camillo Castello Branco nos apparece nesse livro ainda maior do que o julgavamos.

Sempre votámos a mais profunda admiração áquella extraordinario espirito, cuja pasmosa fecundidade é realmente para maravilhar. Emquanto não outro, com tola a nossa ridicula prosapia, fazemos um artiguete de jornal, elle escreve um livro. E quando conclue este livro, atopetado de erudicção a feito ne lingua mais opulenta que é dado a um cerebro possuir, o gigante das lettras portuguezas entrega-se ao decaço... escrevendo outra obra. Os seus lazeres são mais ferreiros do que a azafama operosa de muitos outros.

Camillo Castello Branco ainda não está collocado no logar que merece, isto é, no primeiro.

E' uma arvore tão alte, tão copada, oa seus ramos multiplicam-se com tal rapidez, abrangem tão vasto terreno, corre-lhe nas veias uma caudal tão impetuosa de seiva plethorica, que a sua verdadeira grandeza só poderá ser avaliada quando a foice da morte deceper-lhe o enorme tronco. Aquillo não é um bomem, é uma litteratura. Morressem todos os litteratos de Portugal, e Camillo sósinho sustentaria o brilho e abasteceria o mercado de livros.

Mas não sabemos que aquelle terrivel polémista, que tanta vez ha transudado em seus opueculos uma especie de humourismo *bilioso*, singular, poderoso e irresistivel, possuísse um coração amantissimo; que aquelle cabeça encanecida no fermentar constante das idéias, calcinada pelo soffrimento, tostada pelas refregas dolorosas de uma vida longa e agitada—fosse capaz de inclinar-se, meiga e chorosa, no puro regaço da amizade.

O padre Senna Freitas descobre-nos um Camillo da vida íntima que ainda não tinhamos a dita de conhecer.

URBANO DUARTE.

## THEATROS

S. PEDRO DE ALCANTARA

COMPANHIA DO THEATRO D. MARIA II

Com o tbeatro inteiramente cbeio estreou-se no dia 24 do mez passado esta magnifica companhia dramatica, que pela segunda vez noe visita, acrescentada com o ector Eduardo Brazão que desde 1890 não tinhamos o prazer de applaudir.

Representou-se a deliciosa comedia de George Sand — *O Marquez de Villemer*.

Da peça e do desempenho que lhe dão estes artistas já dissemos longamente o anno passado. A peça é uma das mais notaveis do tbeatro francez. Um verdadeiro primor, cujo merecimento litterario tem sido reconhecido e exelgado por todos os criticos e que só imbecis poderiam negar. E George Sand escrevendo esta obra-prima, foi um precursor do naturalismo no tbeatro, pois o *Marquez de Villemer* é uma verdadeira obra naturalista; e escreveu-a no tempo em que o inextogavel Scriba abarrotava o tbeatro francez com a sua obra de fancaria, falsa como Judas!

O desempenho que lhe dá esta com-

panhia está na altura da peça. As Sras. Carolina Falco e Virginia, Augusto e João Rosa interpretam admiravelmente os seus papeis. O de Augusto (duque da Aleria) tem sido feito em Lisboa, ha muitos annos, por Brazão, que lhe tem muito amor; como houvesse, porém, sido feito aqui, no anno passado, por Augusto Rosa, tambem o foi desta vez.

Muito desejeriamos — e o publico certamente tem o mesmo desejo — ver Brazão neste papel.

Augusto Rosa satisfaz-nos cabalmente nelle; pertencendo porém o papel ao repertorio de Brazão e tanto o estimando esta, é natural o desejo de vel-o interpretando o duque de Aleria.

E esperamos ver satisfeito este desejo, mesmo porque a empra fez annunciar que o actor Brazão faria aqui todo o seu repertorio.

SEVERO TORELLI

No repertorio da companhia do tbeatro D. Maria II, de Lisboa, qua aqui tem de ser representado, figura o drama em verso, em 5 actos, de François Coppée, *Severo Torelli*, passado a versos portuguezes pelos applaudidos poetas Macedo Papauça e Jayme Victor. Esta peça, que déra ne *Odeon* 107 representações, apenas deu 5 no D. Maria II. O publico enfastiou-se a valer, achando pouco para cinco actos apenas duas situações importantes, e abandonou a peça. (com expressivo italico).

Na sua ultima chronica d'*O Occidente* Gervasio Lobato resuma o trecho de *Severo Torelli* e a sua critica pela seguinte fórma:

«Para nós o defeito theatral do *Severo Torelli* é ter cinco actos.

Se François Coppée fosse um boce-dinho mais auctor dramatico teria feito com aquelle assumpto um esplendido e irresistivel drama n'um acto.

Effectivamente todas as situações poderosas, todas as situações verdadeiramente dramaticas d'aquella lugubre tragedia se podiam agrupar logicamente n'um acto só.

O que vem a ser o *Severo Torelli*?

E' o filho d'um adulterio quaaí sagrado; da esposa que se desbonra pera salvar o marido que adora.

Ignorando o mysterio horrivel do seu nascimento Severo Torelli jurou perante a hostia consagrada matar o tyranno de Pisa, o egressor da sua petria o sanguinario Barnabo Spinola.

Sua mãe, a heroica D. Pio, sabedora d'este juramento, confessa a seu filho a verdade horrivel:—Barnabo, o tyranno, é o paes de Severo Torelli.

Severo ache-se portanto collocado entre o perjurio e o parricidio:

Eu com este punhal fiz este juramento:

«Juro ferir com mão segura e decidida,  
«Enterrar o punhal, revolvel-o na frida,  
«Sija onde quer que for matar o monstro abjecto,  
«Mesmo na nossa casa e sob o nosso tecto,  
«Aqui junto do altar, de joelhos e mãos postas  
«Sendo preciso aid enterrar-lhe nas costas  
«O meu punhal, e erguendo o ferro ensanguentado,  
«Dedicar o holocausto a Pisa.» — Está jurado!  
Este problema é claro e tenho-o debatido;  
Necessita de ser depressa resolvido:  
Ou eu o mato ou não. Se a mato sem piedade  
Entrego a minha patria, heroe! á liberdade,  
Cumpro perante Deus um santo juramento,  
Castigo o torpe, algoz, a carnasco violento  
Da minha pobre mãe ultrajada, asseguro  
Ao bom Torelli a paz, a honra e o futuro.  
Se o não mato, meu Deus! que indignação, que horror!

Sou um perjuro ao céu e á patria um traidor,  
Morrerão amanhã dez homens innocentes,  
Hão de crivar-me a alma os odios succedentes

Das meus comedidões, e o nome respeitado:

De vitha que me adora, hade ser sepultada  
Na lodo e na deshonra!... O coração; o peito,  
Que dobras como um bronze e arqueias o meu peito,  
E' preciso escolher e decidir!... Ah! Pisa,  
Terra em que a crime impris e a virtude agonias,  
Encerra na teu ventre um turbilhão horravel  
De monstros... Ugoles e seus filhos, mordendo  
Safregamente as mãos, fuminas, a estarem  
O momento fatal de se entra-decorarem!  
Podias inspirar-te, é tembrado Dante,  
N'esta immundo crevil de feras. N'um instante  
O teu olhar, ó patria ensanguentada, ras  
Ver Severo Torelli a assassinar seu paes  
Meu paes! Meu paes!... Porque? porque o tyranno  
um dia

Violeu pelo terror e pela covardia

Uma triste mulher sem força e insensatezel!  
E eu, santa Deus! nasci d'este acto abominavel!  
Meu paes! Mas se é meu paes esse homem tão atroz,  
Porque não sou como elle estúpido e feros?  
Pois se da sua carne a minha carne é festa,  
Porque me acolhe a alma e o coração me accieita,  
Esta innocencia ideal que loucamente adoro?  
Enão porque heimo eu? Apesar desse choro  
Que inundou, minha mãe, teu lugubre passada,  
E tambem apesar d'esse mandado honrado  
Que a patria me entregou?... Porque duvida  
enão?

Que estranha garra, ó Deus, me aperta a coração!  
Que covardia é esta, e emfim, porque me assusta  
Erguer sobre o tyranno a minha mão robusta?...  
Pois bem, Tenho toda uma meo, um sophisma, ó  
piedade!

Vou cumprir da missão apenas a metade.  
Arrisco a honra, sim, e esse homem tão cruel,  
Liberio o meu paiz sem o matar a elle!  
E' um plano, bem sei, bastante duridado...  
Oh! mas se recusar, indomito e raivoso  
Acabarei com elle, e acabarei comigo.

(Olha o punhal)

Farás o teu dever, meu derradeiro emigo?...

Barnabo entra. Entre o paes e o filho ba uma scena terrivel. Severo ergue para elle o punhal.

«Morreremos os dois...»

N'isto um vulto negro sae de traz d'um relicerio, crava um punhal no peito de Barnabo, dizendo:

«Não! morrerá só elle!

E' D. Pie que para salvar seu filho do perricidio mata aquelle que a ultrajou, e depois se mata, a si, podendo ao filho que viva para consolo do velho Torelli.

Toda e ecção dramatica da peça é esta, e como veem toda ella sa podia reunir n'um só acto.

Em cinco é extremamente dilnida; para se chegar ás situações culminantes atravessam-se muitas scenas sem interesse, que cançam, que enfastiam o espectador e que explicam o desastre que no tbeatro de D. Maria teve a peça de Coppée.

Gervasio Lobato.»

Ha sete annos já o desempenho que Eduardo Brazão dava ao papel de Kean lhe conquistara todas as sympathias e fizera que o nosso publico o considerasse actor de grando futuro. Pouco antes Rossi bavia feito o mesmo papel com singular brilhantismo, e Brazão não nos obrigara a ter saudades do eminente actor italiano. Datou do Kean a reputação de Brazão como actor de primeira ordem.

Agora apparece-nos o mesmo homem, mas outro artista.

Ao actor cheio de talento, mas um tanto descomedido e desordenado, succeden o artista correcto, inteiramente na posse ds sna arte, meticoloso, distincto e brilhante.

O difficil papel da Edmndo Kean é

agora representado a primor, com extraordinario talento e uma perfeita harmonia de linhas e de tons. No segundo acto Brazão é inexcusable. E' um encanto ouvir-lo no formoso dialogo com Mias Damby, dialogo a que elle imprimio um colorido vigoroso, firme, exacto, magistral. A famosa scena da taberna, com quanto pittoresca, não exige do actor a mesma delicadeza, a mesma observação do verdadeiro, o mesmo cuidado no dizer; é uma scena prompta, de effeito seguro para o publico, e Brazão representou-a tambem admiravelmente. No terceiro e quarto actos foi bellissimo o trabalho do grande artista. O monologo do Hamlet, o dialogo com Ophelia e subsequente scena da loucura foram soberbamente feitos. A recitação do assombroso monologo de Shakespear merece sempre os maiores cuidados aos artistas que fazem o Kenu. Brazão recita-o maravilhosamente. A duvida transparece-lhe na physionomia transformada de louco; a voz, cahindo sempre nos tons graves dá ao verso uma solemnidade grandiosa; o gesto é largo; a attitudão acompanha docemente a palavra, e quando o desditoso principe se afasta dos seus passados amores, que lhe lembram o mundo com todas as suas torpezas, vae succumbido, cabisbaixo, dubitativo, com o olhar desviado, vae curvo, infirme, arrastando os pés! Uma interpretação magnifica e uma execução magistral!

E' um bello trabalho, feito com methodo e estudo, que honra o artista e lhe dá direito a applausos incondicionaes.

Augusto Rosa foi um principe de Galles verdadeiramente príncipesco, elegante, distincto, correcto e sobrio.

Antunes representou bem o papel de Salomão, dando-lhe relevo e graça.

Virginia fez razoavelmente Anna Damby. Se não fosse uma certa monotonia no dizer, monotonia que mais apparece entre aquelle conjunto de artistas que se preoccupam com o colorido, com os meios tons e com a delicadeza e variedade da dicção; se não fosse isso, o papel de Miss Damby seria digno dos maiores applausos.

Silva Pereira esteve magnifico no Pistol: leve, ligeiro, saltitante, engraçadissimo. O publico riu-se francamente com elle e applaudiu-o por vezes.

A condessa Helena encontrou na Sra. Falco uma interprete conscienciosa e elegante.

Os outros papeis não tem importancia, mas foram todos bem desempenhados.

A peça já foi representada quatro vezes e sempre com a casa cheia.

Parabens á empresa.

#### RECREIO DRAMATICO

No dia 26 do mez passado realizou-se o beneficio do actor Dias Brnça com a representação do celebre drama de A Dumas, *Kean*, que está sendo tambem representado por Ednardo Brazão no S. Pedro de Alcantara e pelo actor Bernardo na Phenix Dramatica.

Não podemos crer que o estimavel empresario do Recreio houvesse escolhido o difficil drama escripto para o grande Frederico Lemaître com o intuito de entrar em confronto com o primeiro artista da companhia do theatro D. Maria II, de Lisboa.

Representou-o somente para mostrar

que estuda e trabalha com nfinco, procurando assim conquistar ainda mais a sympathia do publico.

E conseguiu-o, pois fez applaudir-se com enthusiasmo, agradando á platéa em varias situações, especialmente nas de mais vigor.

Com prazer registramos o triumpho obtido pelo provector e consciencioso actor Magioli no papel de Salomão As Sras. Ismenia e Helena e os demais artistas concorreram grandemente para o exito da peça que se tem repetido.

#### POLYTHEAMA FLUMINENSE

No sabbado ultimo estreiou-se a companhia japoneza tão annunciada em todas as folhas e reclamada por todas as esquinas em vistosos e largos cartazes.

Uma hora antes de começarem os espectaculos estão os japonezes em suas barracas trabalhando á vista do publico em bordados, pinturas, trabalhos sobre madeira a canivete, leques, guardas-sol, etc.

Vale a pena ver a paciencia, a delicadeza, a agilidade e a pericia com que são executados esses trabalhos. Mais tarde, quando houver boa quantidade de objectos manufacturados, serão vendidos aos frequentadores do circo.

A companhia tem artistas japonezes de primeira ordem.

Apontemos desde já a formosa japoneza que sobe com as mãos e os pés nus per uma escada de cutellos afiadissimos; trabalho inteiramente novo e maravilhoso, estupendo, inexplicavel! Entre as crianças ha uma que faz admiraveis exercicios de deslocação e equilibrio.

O trabalho com os piões e o cachimbo, o homem que come brazas, o prestimano, o palhaço musical, etc., são todos dignos de ver-se.

Não terminaremos sem uma referencia aos oito lindissimos *poney*s, perfeitamente ensinados, e aos engraçados cães que fazem as delicias da criança.

Paesam-se magnificas horas actualmente no Polythema.

#### LUCINDA

A companhia de Zarzuelas, de que são directores os Srs. D. Valentim Garrido e D. Antonio Del Valle, exhibiu durante a semana algumas das melhores peças do seu repertorio, que é vasto e escolhido. Deu-nos, no sabbado, a *Catharina*, musica de Gastambide; no domingo *A Mascotte*, de Audran; na segunda *Jogar com fogo*, de Barbieri; na terça *O Rabo do Diabo*, de Oudrid, e *O Juizo Final*, de Barbieri; na quarta *El Barberillo da Lavapiés*, tambem de Barbieri; na quinta *As nove da noite*, de Caballero; e hontem, finalmente, *Os Madgyares*, peça de grande espectaculo.

A' vista da diversidade de peças com que a companhia delicia os seus numerosos *habitués*, não podemos a longanos na apreciação minuciosa do desempenho de cada uma d'ellas. Forçoso, porém, é confessar que o brilho do desempenho é devido, muito especialmente, ás Sras. Plá e Sacanelles e aos Srs. Garrido, Manso, Ramos e Jordan, todos excellentes artistas e cantando correctamente, de modo que o theatro

é sempre pequeno para conter a enorme concorrencia de amadores do genero *Zarzuela*.

E, d'entre esses artistas, ainda especialisaremos a Sra. Plá que, n'um verdadeiro *tour de force*, se encarregou de substituir em todos os papeis e com grande brillantismo a sua collega 1ª tiple que abandonára a companhia na Bahia, salvando assim a Sra. Plá a situação embaraçosa em que então se achou a empresa e os artistas por ella contractados.

#### SANT'ANNA

No fim de 19 annos de trabalho, de luctas, de decepções e de triumphos, foi no dia 30 dissolvida a companhia do Heller!

Mas o Heller, sempre exquisito e mysterioso, annuncia duas peças para uma época proxima: *A Princesa Flor de Maio* e *O Moleiro de Alcalá*.

E' o caso de se lhe perguntar:

— Com que companhia?

P. TALMA.

## SPORT

A quarta corrida que realisoou no domingo passado o Prado Villa Izabel esteve esplendida e extraordinariamente concorrida, colbendo esta distincto sociedade mais uma bella victoria.

No Grande Premio Metropolitano (3:000\$ ao 1º, 800\$ ao 2º e 400\$ ao 3º e o 4º livrando a entrada) foram inscriptos alguns dos melhores parelheiros nacionaes, conhecidos e que indubitavelmente teria tido esse pareo grande animação se Sibylla e Talisman, que nelle se insereveram, não tivessem declarado *forfait*.

Boreas, Diva e Bonita foram os parelheiros que disputaram este premio tão importante e sem a minima animação, visto Boreas não ter competidores fortes e que lhe pudessem tornar a corrida duvidosa e a victoria difficil.

Apezar dos *forfaits* nos diferentes pareos, o programma não deixou de ter bom acolhimento dos amadores do *turf*. Eis o resultado dos pareos:

No 1º pareo (1300 metros) Rigoletto em 87 segundos venceu os seus competidores, partindo com alguma vantagem. Aymoré, que chegou em 3º lugar, está em más condições e ficou manco. Cantagallo, que chegou em 2º, mostrou pouca vontade de vencer, como ultimamente tem feito todas as vezes que tem corrido com Rigoletto. Zaino, Juanita e Verbena não mereceram classificação. A poule rendeu 18\$100.

No 2º pareo (1450 metros) Espadilha, com bastante facilidade, em 98 segundos, venceu Berenice, que chegou em 2º lugar e completamente esgotada. Erce, que pela primeira vez correu, fez triste figura, parecendo grande bacamarte. Gazella e Catita não correram. A poule rendeu 11\$500.

Este pareo não teve muita importancia visto Espadilha não ter competidores fortes.

No 3º pareo (1450 metros) correram Dr. Jenner, Madama, Le Loup, Musico e Perle que, tomando a ponta, nunca mais a cedeu aos seus competidores, vencendo-os em 95 segundos. Madame

e Musico bateram-se fortemente, chegando Musico em 2º lugar e teria ganho na corrida se estivesse em melhores condições, e com a boa vontade do seu jockey. Le Loup em 3º lugar, e Madamn em 4º. Dr. Jenner chegou em grande bagagem. A poule rendeu 53\$900.

No Grande Premio Metropolitano (2600 metros, 3:000\$ ao 1º, 800\$ ao 2º, 400 no 3º e o 4º livrando a entrada) Boreas em 179 segundos e com grande facilidade venceu Diva que desta vez correu mui mostrando estar em más condições, visto já em outras vezeas ter feito melhores corridas.

Bonita, que foi a 3ª competidora, ficou distanciada perdendo o direito ao 3º premio. Sibylla e Talisman, competidores de respeito, declararam *forfait* e assim tornaram esse pareo fraco e sem animação. Se tivessem disputado esse premio, o pareo teria tido grande enthusiasmo e importancia pela luta que travariam os tres competidores Boreas, Talisman e Sibylla, reconhecidamente superiores no tiro de 2600 metros. A poule rendeu 11\$700.

No 5º pareo (1800 metros) Scylla em 119 segundos venceu Satan, que pouca resistencia offereu á sua valente competitor. Coupon não correu. Este pareo teria mais importancia se a luta fosse entre os tres parelheiros inscriptos Satan, Coupon e Scylla. A poule rendeu 13\$000.

No 6º pareo (1609 metros) Olinda em 105 segundos, apezar de refregar por diversas vezes na partida, venceu com bastante facilidade a sua competitora Pancy, que nada pôde fazer. Castiglion não correu. A poule rendeu 11\$800.

No 7º pareo (1609 metros) Odalisca em 105 segundos, partindo com grande desvantagem, fez brilhante corrida, vencendo os seus competidores com immensa facilidade. Biscaila, que tomou grande dianteira, foi pessimamente corrida pelo jockey, que, calculando mal a corrida, susteve-a durante o trajecto, com o fim de poupar-a e desse modo atrazou a corrida, perdendo-a. Rabeca em 3º lugar. Sartarelle, distanciado—Catana, Cyclone, Cantagallo e Bismarck não correram. A poule rendeu 13\$900.

No dia 29 do corrente realisoou esta mesma sociedade a sua 5ª corrida, com um programma composto de sete pareos, cuja organização teve resultados os mais satisfactorios, tornando-se bem disputados quasi todos os pareos.

Eis o resultado:

No 1º pareo (1450 metros) Cantagallo em 103 segundos venceu os seus competidores. Verbena que chegou em 2º lugar, veio toda a recta de chegada soffreada; não quiz disputar licitamente a corrida. Rigoletto em 3º lugar. Zaire e Ondina em ultimo lugar. O rateio 17\$000.

No 2º pareo (1300 metros) correram omente Ouvidor e Lady que facilmente em 97 segundos venceu o seu competitor. Escudo, Rapid, Ormonde, Firequeen e Esmeralda não correram. Não havendo rateio restituiu-se ao publico o seu capital.

No 3º pareo (handicap 1609 metros) Perle apezar dos 60 kilos de pezo venceu os seus competidores com alguma facilidade em 104 segundos desde o pulo de partida. Musico chegou em 2º lugar. Pancy em 3º. Bonita e Diomedes em ultimo. Catita não correu. O rateio 34\$700.

No 4º pareo (1450 metros) Druid ape-

zar dos 60 kilos de peso, venceu facilmente os reus competidores em 93 segundos, chegando ainda um pouco soffreado. Infirma chegou em 2º lugar. Villa-Nova e Pagote em ultimo. Corcovado não correu. O rateio 17\$000.

No 5º pareo (1609 metros) Flotsam, hoje Tenor, venceu em 105 segundos os seus competidores correndo bem e mostrando-nos estar completamente restabelecida. Odalisca em 2º lugar. 3º Argentino, Regonte em ultimo. Espadilha não correu. O rateio 15\$500.

No 6º pareo (1000 metros) Charybdes em 64 segundos venceu Phenicia que chegou em 2º lugar e Dr. Jenner que ficou distanciado. O rateio 10\$300.

No 7º pareo (1800 metros) Biscaia desde o puio de partida, venceu facilmente os seus competidores em 125 segundos, conservando sempre grande dianteira sobre elles durante a corrida. Rabeca, ex-Jenny, em 2º lugar. Boyardo em 3º lugar. Bonita, Saltarelle e Chapecó em ultimo. Feiticeira não correu.

Ae corridas terminaram, como sempre, com grande regularidade, sendo

os trabalhos perfeitamente effectuados e com feliz exito.

O jogo da poule antingio a somma de 82.980\$000.

L. M. BASTOS.

## FACTOS E NOTICIAS

O acreditado professor Ulysses, auxiliado pelos seus collegas Francisco Marcondes Pereira, Quintino Pereira e Quintino Firmino Borges, abriu uma «Sala de Estudo Auxiliar Academico» á Travessa do Ouvidor n. 55, 2º andar.

Nella seleccionam as materias concernentes aos diversos cursos das escolas do imperio, especialmente as da Escola Normal da corte.

As provadas habilitações dos professores deste estabelecimento, modesto, mas realmente util, garantem-lhe facil manutenção e larga prosperidade.

Recommendamolo.

Em assembléa geral, de 27 do mez findo, o *Club Central dos Conservadores* approvou o projecto dos seus estatutos e elegeu a directoria que tem de dirigi-lo durante um anno.

Está na Côte o Sr. João Augusto Neiva, redactor da *Gazeta da Bahia*. Agradecemos a amavel visita com que S. S. nos honrou.

### FALLECIMENTO

A 25 do mez passado falleceu na cidade da Bahia, aos 53 annos de idade, o Sr. Manoel da Silva Lopes Cardoso, fundador e director do *Diario de Noticias*, d'aquella capital.

Era um espirito emprehendedor e activissimo, habituado ao trabalho e á luta. Tinha rara habilidade para o jornalismo, ao qual dellicou a melhor parte da sua existencia, conseguindo evitar inimidades e creando muitos amigos.

A sua familia e em particular ao nosso estimavel collega Antonio Lopes Cardoso — pezames sinceros.

## ANNUNCIOS

O advogado Dr. Valentim Magalhães é encontrado no seu escriptorio todos os dias, das 10 horas da manhã ás 3 da tarde.—Rua dos Ourives. 51.

Dr. Cyro de Azevedo.—Advogado. Das 10 ás 4 horas.—Becco das Cancellas n. 2.

O cobrador Bernardo da Silva Branco Junior continúa a receber cobranças por percentagem razoavel. Cidade de Ouro Fino, Minas.

Constructores de machinas e appparelhos para lavoura—Schubert Irmãos, Haas & C.—Juiz de Fora.

«O Municipio» — Redacção: DR. FORTUNATO MOREIRA E L. DE TOLEDO — Gerencia: WENCESLAU ROSA — CASA BRANCA.

## LIVRO DE SORTES

O *Gaiato de Salão*, collecção de disparates anatorios engraçadissimos em perguntas e respostas para passar tempo das noites de fogueiras. Vende-se na rua de Gonçalves Dias 33 e Onvidor 66.

PREÇO 500!

# A' LA SAISON

Neste novo e importante estabelecimento encontrarão as Exmas. familias um completo sortimento de fazendas, modae, armarinhos, perfumarias e roupas brancas, por preços baratissimos, assim como uma:

## OFFICINA DE COSTURA

Onde se executa qualquer trabalho, com especialidade vestidos para bailes, casamentos e passeios pelos:

### PREÇOS SEQUINTE

Vestidos de merinó cachemire e outros tecidos de lã enfeitados no rigor da moda a:

60\$000 E 70\$000

Ditos de tecidos de lã lizos listados ou escossez

55\$000 E 60\$000

Ditos de tecidos de seda como sejam: faille francez, servali, damacés, setins:

120\$000, 150\$000 E 200\$000

Ditos de Zephir, toile de Alsace e outros tecidos

40\$000 E 45\$000

## ENXOVAES PARA NOIVAS POR

150\$000

CONSTANDO DE:

Um rico vestido do setim, seda, linho, damacé ou outro tecido, enfeitado na ultima moda, um veu de seda, liso ou bordado, uma grinalda com pertences, um lenço bordado, um collete, um par de meias fio d'escossia abertas, um leque de osso e setim, uma saia bordada com cauda, um par de luvas, um dito de ligas, um dito de sapatos de setim, duas camisas, uma de dia e outra de dormir.

N. B.—Para se executar qualquer vestido para fora é indispensavel enviarem-nos um corpinho e a altura da saia.

151 RUA DO OUVIDOR 151

Perto do Largo de S. Francisco. Em frente á Nôtre Dame

Figueiredo Vianna & Comp.

# DERBY-CLUB

## PROGRAMMA DA 6ª CORRIDA

A REALIZAR-SE

DOMINGO 3 DE JULHO DE 1887 DOMINGO

AO MEIO DIA EM PONTO

1º pareo — A's 12 horas — **Extra** — 1.000 metros — Animas estrangeiras de 2 annos — Premios: 600\$ ao primeiro 120\$ ao segundo e 60\$ ao terceiro.

Ns.	Nomes	Fellos	Idades	Naturalidades	Pesos	Cores das vestimentas	Proprietarios
1	Prevenche.....	Alazão.....	2 ans	Belgica...	46 kil.	Ouro e preto.....	F. Schmidt.
2	Lady.....	Castanho..	2 »	Inglaterra..	46 »	Azul.....	C. O.
3	Cinira.....	Alazão.....	2 »	Idem.....	46 »	Encarnado, preto e branco.....	J. Silveira.
4	Fire Queen.....	Castanho..	2 »	Idem.....	46 »	Azul e ouro.....	D. Julia Vieira.
5	Visière.....	Alazão.....	2 »	França.....	48 »	Azul e palha.....	Joaquim P. de Castro.
6	Rapid.....	Idem.....	2 »	Inglaterra..	47 »	Encarnado, preto e branco.....	Vianna Junior.

2º pareo — A' 12 3/4 hora — **Excelsior** — 1.450 metros — Animas nacionaes de 3 annos — Premios: 600\$ ao primeiro 120\$ ao segundo e 60\$ ao terceiro.

1	Gazella.....	Alazão.....	3 ans	R. de Jane..	47 kil.	Grénat e lyrio.....	C. J.
2	Espadilha.....	Castanho..	3 »	S. Paulo..	49 »	Ouro e azul.....	Coud. Alliança.
3	Cupidon.....	Idem.....	3 »	R. de Jane..	51 »	Branco e preto.....	M. U. Lemgruber.
4	Bérénice.....	Alazão.....	3 »	Idem.....	47 »	Ouro e branco.....	Coud. Fluminense.

3º pareo — A' 1 1/2 hora — **Progreso** — 1.800 metros — Animas nacionaes até meio sangue — Premios: 800\$ ao primeiro 160\$ ao segundo e 80\$ ao terceiro

1	Druid.....	Tordilho..	5 ans	R. de Jane..	62 kil.	Branco e encarnado.....	Oliveira J. & Lopes.
2	Condor.....	Castanho..	4 »	Idem.....	52 »	Azul, branco e encarnado.....	Coud. Cruzeiro.
3	Tenor, ex-Flt.....	Zaino'.....	4 »	S. Paulo..	52 »	Vermelho.....	Tattersall Campineiro.
4	Intima.....	Castanho..	6 »	Idem.....	56 »	Grénat e lyrio.....	D. A.

4º pareo — A's 2 1/4 — **Cosmos** — 1.600 metros — Animas estrangeiros de 3 annos — Premios: 800\$ ao primeiro 160\$ ao segundo e 80\$ ao terceiro

1	Pancy.....	Zaino.....	3 ans	R. da Prata	47 kil.	Encarnado e ouro.....	V. M.
2	Pbenicia.....	Alazão.....	3 »	Inglaterra..	49 »	Encarnado e azul.....	Coud. Brazileira.
3	Daybreak.....	Zaino.....	3 »	Idem.....	49 »	Azul e ouro.....	D. Julia Vieira.
4	Echoron.....	Idem.....	3 »	França.....	49 »	Grénat e rosa.....	S. M.

5º pareo — A's 3 horas — **Rio de Janeiro** — 2.400 metros — Animas de qualquer paiz — Premios: 2.000\$ ao primeiro, 400\$ ao segundo e 200\$ ao terceiro.

1	Salvatus.....	Alazão.....	4 ans	França.....	56 kil.	Azul, branco e encarnado.....	Coud. Cruzeiro.
2	Phrynéa.....	Castanho..	5 »	Inglaterra..	51 »	Ouro e branco.....	Coud. Fluminense.
3	Gladiador.....	Idem.....	4 »	Idem.....	50 »	Branco e preto.....	M. U. Lemgruber.

6º pareo — A's 3 3/4 horas — **Derby-Club** — 2.400 metros — Animas nacionaes — Premios: 1.000\$ ao primeiro, 200\$ ao segundo e 100\$ ao terceiro.

1	Bonita.....	Castanho..	6 ans	S. Paulo..	50 kil.	Branco e encarnado.....	J. Machado.
2	Boreas.....	Idem.....	6 »	Idem.....	54 »	Grénat e violeta.....	Coud. Rio de Janeiro.
3	Sybilla.....	Zaino.....	5 »	Idem.....	50 »	Azul, branco e encarnado.....	Coud. Cruzeiro.

7º pareo — A's 4 1/2 horas — **Lemgruber** — 1.600 metros — Animas até meio sangue, que não tenham ganho este anno, — premios: 600\$ ao primeiro, 120\$ ao segundo e 60\$ ao terceiro.

1	Monitor.....	Castanho..	4 ans	S. Paulo..	60 kil.	Azul, branco e encarnado.....	Coud. Cruzeiro.
2	Fagote, ex Mar..	Vermelho..	6 »	Idem.....	54 »	Vermelho e preto.....	Tattersall Campineiro.
3	Violão, ex-Cam..	Alazão.....	5 »	Idem.....	51 »	Vermelho.....	Idem, idem.
4	Cyclone.....	Castanho..	4 »	R. de Jane..	52 »	Ouro, mangas e boras azul.....	Coud. Alliança.
5	Morena.....	Idem.....	5 »	Paraná.....	58 »	Verde e ouro.....	J. L. M.
6	Saltarelle.....	Preto.....	6 »	Idem.....	54 »	Geranium e ouro.....	J. W.
7	Mandarim.....	Rosilho..	5 »	S. Paulo..	56 »	Azul e grénat.....	Coudelaria Paraiso.
8	Boyardo.....	Alazão.....	5 »	Idem.....	54 »	Branco e azul.....	Coud. Guanabara.

MARCOS DE MELLO 2.º Secretario interino.

## EMULSÃO DE SCOTT

DE OLEO PURO DE FIGADO DE BACALHÃO  
Hypophosphitos de cal e soda

Approvada pela junta de hygiene e autorizada pelo governo

O MELHOR REMEDIO ATÉ HOJE DESCOBERTO PARA

Tísica, bronchites, es-crophulas, rachitis, anemia, debilidade em geral, defluxos, tosse chronica e af-ecções do peito e da garganta

E' muito superior ao oleo simples do figado de bacalhão, porque, além de ter cheiro e sabor agradaveis, possui todas as virtudes medicinaes e nutritivas do oleo, além das propriedades tonicãs e reconstituintes dos hydropophosphitos. A' venda nas drogarias e boticas.

### COLLEGIO INTERNACIONAL

INTERNATO E EXTERNATO

DIRIGIDO POR

E. GAMBÁRO

121 RUA DE S. CHRISTOVÃO 121

Póde ser visitado a qual-quer hora. Estatutos nas principaes livrarias.

### AS ULTIMAS NOVIDADES

em legitimos e superiores chapéos inglezes e francezes, encontram-se na

CHAPELARIA INGLEZA

especial só em chapéos finos

120 Rua do Ouvidor 120

### GRANDE FABRICA DE FLORES

RUA DO PASSEIO, 38

RIBEIRO DE CARVALHO & C.

PROPRIETARIOS.

Tem sempre grande variedade de flores para todos os gostos e preços, assim como

GRINALDAS PARA ENTERROS

DEPOSITO

RUA DO OUVIDOR, 45

ESCRITORIO

Rua da Quitanda, 133 A

Recebem encomendas, que são executadas com a maior promptidão, esmero e modicidade de preços.

Typ. d'A Semana, rua do Carmo n. 36, sobrado